

***TY***

**Evolução de Motes**

Por Soaroir de Campos



## Sem Garantias

Soaroir 23/7/10

Eta vida bendita  
historiadora de mim...

Aceite me assim  
se possível...  
se não, me evite  
você que passa e passa.

Sem palmas nem penas  
é só o que peço...

No mais,  
sou nova como um carvalho,  
e ladina como um pé de couve.

É pouco...Mas adianto  
já fui de Blake inspiração  
para o Grande Dragão Vermelho.

Hoje sou apenas poeta.  
Se você não se importar...

Mote "Quero que me aceite como sou"

## Saída

Soaroir Fev.19/08

Para o que sou não há desculpas  
Nem culpados, responsáveis  
Pelos acertos nem os tropeços  
No palco da intenção das alegrias;  
Hoje apagadas as circunstâncias,  
Sou a lembrança que ficou na memória  
Emersa como pessoa melhorada,  
Eu sou uma desfaçada  
Pela inferência das aleivosias;  
Sou aquela que sai para dentro  
Para então entrar pra fora sem dó  
E nenhuma autopiedade.

Mote: "Eu sou"



## **Je ne regrette rien**

© Soaroir Maria de Campos  
15/11/07

Eu sou o que eu sou por escolha  
Desguarnecido  
Para o que eu nasci pra ser e não fui  
Desavisado  
Curvei a imprudência pro meu lado  
Confundi  
Espera e esperar com teimosia  
Sobrou  
A imagem derrotada por conquistas  
Desgrenhadas  
Meio torto, sem sentido, estabanado  
Fiz  
Do meu melhor jeito  
Desastroso  
Inconsciente e jeitoso  
Prêmios  
Nem piedade eu preciso  
Pra minha maneira de ser.

reedição-tít original:  
as pessoas são para o que nascem II



## Invoco o Louco

©Soaroir  
01/01/2012

Eu, pouco, muito pouco faria se tivesse quatro mãos, se fosse o único humano a tê-las; me tornaria handicapped, deficiente, aleijão, matéria de pesquisa, atração. Idem se não agir como todo mundo. Mas agora basta de amar outros amores, mandar flores para os defuntos, chorar sobre sepulturas alheias. Estou enterrando meus próprios mortos, mudando da tradição a mania. Rasgo aqui minhas listas de promessas e esperas. Vou me amar de verdade; parar de fingir, que acredito, que família é tudo igual, que virtual é real e que poesia é estética; de pensar e agir como papagaio; largo o bando de seriemas e piaçocas e paro de revolver ciscos, catar insetos, engolir sapos. Cansei de avoar em bando. Desço para o meu posto e assumo que não me apraz ouvir bordões, citações de famosos morridos e matados, frases feitas e aplaudir a escassez de originalidade. Por tudo isso é que às vezes me grito quando me indagam como me chamo. Sou tanto largado entre a maioria dos que me chamam de muitos nomes ao mesmo tempo! Mas eu me creio e por isso agora eu me chamo para esvaziar a lixeira, e o resto da caixa de entrada marcar como spam. Basta de Ctrl C e V, filosofar, rimar meus versos com outras rimas. Pode até ser besteira, mas se troco o café, o açúcar, a cachaça e o cigarro por ansiolítico medicamentoso, como fica meu estado de alerta contra a ignorância de tudo e todos?

Importava-me com tudo e todos apesar da ignorância deles. Agora é tarde. De acordo com o CID-10 possuo F33.2, direito adquirido de invocar o louco.



## A Mulher de Lata

Copyright Soaroir

O cachorro me acordou as cinco. Providencial já que coincide com a hora que devo engolir “ciprofloxacino” para combater um ataque de mau imunodepressor, entre outros, segundo o Google, porque remédio da rede pública não vem com bula e as informações impressas no verso da cartela metálica não se consegue ler, o que de certa forma é uma benção. A última bula que li trazia 1% de indicação e 99% de possíveis efeitos colaterais.

Não dá para voltar para a cama embora estejamos no horário de Verão fato que o cachorro desconhece e insiste em querer descer, mas eu ainda que toscanejando aproveito o silêncio para dar ouvidos ao que repentinamente, como vazamento de um dique, goteja pelas brechas do meu inconsciente enchendo minha moringa e então me rendo a análise das injúrias, das injustiças e das maldades que me intoxicaram juntamente com a tentativa de esquecê-las; me debilitaram ao me acumpliciar com elas quando outorguei perdão sem nada assinar.

Esquecer ofensas depende da nossa memória.

Continuo mais tarde...

Ah... acabo de me lembrar que preciso descer com o cachorro que não conhece a maldade, perdoa, mas jamais esquece os maus tratos. Vamos Chuko, vamos mijar no mundo...

Sem revisão 22/10/11

## Duas Faces

Soaroir Maria de Campos  
13/3/07

Num dia sou talento  
No outro aptidão  
Um lado é poeta  
O outro pontuação.

Um lado é de Eco  
O outro lado é preciso  
Um lado é de espelho  
O outro lado é Narciso.

Um é experiente  
Enquanto o outro é desprovido  
Um é exuberante  
Num outro ser recolhido.  
reedição: Persona/Meus dois Lados



## **Pé de Flor**

Soaroir 30/10/09

Tudo tem pé  
Com cabeça ou tampo  
Assento – até o vento –

O cabelo tem pé  
E até fica de pé  
Os de galinha cara  
Das flores caule

Tem pé que dá flores...  
Outros, só bichos de pé

Um mede a poética  
O direito acima  
Do roda-pé  
O chão ao teto

Tem pé que caminha  
Pula e salta – outro pára  
No pé do redemoinho  
Como pretexto

Assombrado  
Pelos caminhos.



## **Eu e a Poesia**

Soaroir  
18/10/09

já fui invisível – depois sombra  
e sempre que o sol se levantava ou descia,  
eu ficava muito grande, e ao luar  
eu era quase mais compacta do que a pedra.  
naquele tempo não conhecia a minha própria natureza;  
mas na ante-sala da Poesia logo compreendi.  
e tornei-me mulher! Saí de lá madura;  
deixei de ser invisível, ou sombra, mas como tal,  
eu tinha vergonha de andar daquela maneira.  
precisei de sapatos, roupas, de todo esse verniz,  
enfim, que faz reconhecer uma mulher.

"O Eu invisível"  
"uma cópia, é plágio; muitas, é pesquisa"  
(Wilson Mizner )



## **canção da supernova**

Soaroir 25/10/10

ultraja-me ter que viver  
sem ti amor, uma vida inteira

- por quê? Indago ao universo  
trago em mim tal logomarca  
escura como as tendas de Kedar

apressa-te, amor, antes que amanhã  
completamente - te tornes invisível...

## **Prelúdio**

Soaroir 7/3/10

o dia começa à meia-noite  
ainda na escuridão.

“poesia subliminar”



## Às vezes me grito

Soaroir 20/06/2008

Quem és? Como te chamas?

Sou tantas e tão pouco!  
Ao mesmo tempo, separadamente  
Do quarto ao banheiro, da cozinha à sala ...  
De frente, de lado, de costas  
Nos bares, nos espelhos dos cafés  
Nas borras do azeite  
Da chávena ao caneco em punho  
Num gargalo direto ou no gargarejo de um porto...  
Sou um sopro na arte do vidro  
Fascínio, transparência e brilho  
Mistério, transcendência e leveza  
Ao bel-prazer do Artista.  
Eu me chamo, às vezes me grito  
Pelas narinas das coisas,  
Nos ouvidos dos sonhos  
Num vinho de muito corpo  
Ou cachaça no fundo dum copo  
Em alguns lugares eu me creio  
Bruxa, fada, duende  
Sem registro de qualquer nome  
Chamo-me alquimista  
A bel-prazer da artista.



Soaroir Maria de Campos  
São Paulo - SP  
soaroir@yahoo.com.br

